

MEMÓRIA E SOMBRA

Subcomandante Insurgente Marcos



Coimbra, Fevereiro de 2014

1. História e memória

Somos todos um pequeno brilho em uma noite escura a que chamam tempo, assim fugaz e inexplicável. Todos os brilhos têm a sua cor, a sua intensidade. Quão belos e multicoloridos ficam quando combinados, misturados, refletidos, quando dançam as cores no tempo. Mas muitos brilhos perderam seu fulgor, resignados ficaram nas profundezas do esquecimento. Na superfície do tempo, uma história monocromática os suprime do presente e do passado para se afirmar como a única força do futuro.

“A história oficial, memória mutilada, é uma longa cerimônia de autoelogio dos mandachuvras do mundo” - alerta Eduardo Galeano (2010: 333). Mas como contar a história dos vencidos do mundo, daqueles que se fizeram mestres por se oporem a hegemonia de um sistema que oprime, exclui e silencia? Subcomandante Marcos (2013) crítico das biografias nos provoca a refletir:

En la actualidad, con el internet, los tuiters, los feisbuc y equivalentes, los mitos biográficos redondean sus falacias y, voila, se reconstruye la historia de una vida, o fragmentos de ella, que poco o nada tienen que ver con la historia real. Pero no importa, porque la biografía está publicada, impresa, circula, es leída, citada, recitada... como la mentira [...] La historiografía se nutre de individualidades; la historia aprende de pueblos. (...) Porque la rebeldía, amigos y enemigos, cuando es individual es bella. Pero cuando es colectiva y organizada es terrible y maravillosa. La primera es materia de biografías, la segunda es la que hace historia. Para ellos ni biografías ni museos. Para ellos nuestra memoria y rebeldía.

Os donos do mundo estão repletos de biografias. Estas se escrevem e se vendem como *best sellers* para o mercado dos *shopping centers* e dos aeroportos. Mas os verdadeiros mestres do mundo, aqueles que souberam combinar o seu brilho com os demais para fazer outra história, na maioria das vezes não são retratados em biografias. Isso não significa, contudo, que foram apagados da memória dos povos, memória essa que nem sempre se expressa de forma escrita, mas na forma como é contada, dançada em palavras, gestos e atitudes capazes de dar força àqueles que desconstroem o futuro enquanto uma insuportável fatalidade.

Se a identidade está permanentemente em construção, sempre inacabada, da mesma forma as biografias são construídas a partir de discursos e performances polifônicas que expressam contradições, dissensos e disputas. As biografias e as autobiografias frequentemente estão em busca de uma narrativa consistente e coesa, embora a vida sempre seja muito mais do que um texto é capaz de traduzir. Nesse sentido, o trabalho que aqui proponho está mais preocupado em fortalecer, refletir criticamente e visibilizar algumas das contribuições da personalidade, do pensamento e da

ação do Subcomandante Marcos, do que com a reconstrução definitiva da biografia desde mestre do mundo. Para tal, algumas questões preliminares se colocam:

Como falar da vida e da personalidade de alguém que reivindica uma memória coletiva e partilhada? Como narrar a vida de uma pessoa cujos antecedentes são revelados apenas pelos serviços secretos do México?¹ Como falar do brilho de Marcos sem projetar sombras sobre os homens, mulheres e crianças que, desde o sul México e de diferentes partes do mundo, travam uma batalha contra o esquecimento, a mais perversa forma de aniquilação?²

Não será obviamente retirando o *passamontañas* que desvelamos quem Marcos é.³ Esse mestre do mundo, com um grande senso de ironia, se construiu como um personagem ambíguo, que reinventou uma identidade dentro do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) de forma a se esquivar de qualquer definição inequívoca. O seu próprio nome, Marcos, é uma invenção. Brincando, ele confunde aqueles que buscam pistas sobre o homem debaixo da Máscara: para alguns relata que o nome Marcos é uma homenagem a um companheiro assassinado, para outros diz que a inspiração retirou dos poemas de Mario Benedetti (Caillabet, 1997).

Nos numerosos escritos de Marcos, que se localizam na fronteira entre a ficção, a realidade e o testemunho autobiográfico os leitores são levados a um estado de confusão entre a seriedade do discurso e o escárnio, a natureza factual dos eventos narrados e a magia das metáforas. A pluralidade de formas literárias a que recorre inserem um sentido de humor, poesia e profundidade às suas ideias. Dessa forma, Marcos provoca perplexidade, prendendo a atenção do público na figura do seu personagem e, ao mesmo tempo, deslocando as discussões sobre o zapatismo para as pautas que ele e a direção do EZLN elege.

Nesse sentido, o *passamontañas*, que simboliza a natureza performática da identidade do Subcomandante Marcos, ao mesmo tempo em que cobre a face, coloca em destaque o discurso político de quem o utiliza. Os zapatistas cobrem a face para que seus rostos, invisíveis, sejam olhados pelo mundo, para que suas vozes, até então silenciadas, possam irromper desde Chiapas até o coração dos excluídos.

-
- 1 Em razão de uma escolha política e ética não utilizarei nenhuma das referências disponibilizadas pelos serviços secretos do México, apenas aquelas que são possíveis aceder por meio da bibliografia de referência sobre o zapatismo e das entrevistas com o Subcomandante Marcos.
 - 2 Subcomandante Marcos, em entrevista, diz que o maior crime cometido contra os povos indígenas é o esquecimento. Acessado em 5/01/2014:
<https://www.youtube.com/watch?v=PDLssf732C3Y&list=PLE8F91BA575051060>
 - 3 *Passamontañas* é uma espécie de capuz negro que cobre toda a face com exceção dos olhos e da boca, utilizado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional e, em especial, pelo Subcomandante Marcos.

Falar de Marcos, portanto, é falar da sua relação com o mundo que o rodeia, é falar de um projeto, de uma utopia coletiva que ele, com força e ternura, conseguiu traduzir e transmitir. Este mestre do mundo é subcomandante de um exército cujo objetivo é deixar de sê-lo; é um educador na arte de desaprender as palavras, para reaprendê-las enquanto possibilidade de encontro; é homem, nem sempre feminista; é radicalmente humano e, como tal, se engana, se envaidece, erra, tem medo, sofre, corta e machuca; é um poeta da rebeldia; é um personagem de fronteira, um tradutor entre o mundo indígena, a sociedade mexicana e os diversos movimentos e organizações sociais e políticas que, junto com o zapatismo, reivindicam um outro mundo que se constrói aqui e agora, no presente dos povos.

2. Das umidades da selva nasce Marcos

Hermanos, somos hijos de la noche, nacimos en ella y en ella moriremos. Pero la luz será mañana para todos los Más, para los que lloran la noche, para quienes se niegan el día, para todos la luz, para todos, todo. Nuestra lucha es por hacernos escuchar, pero el mal gobierno tapa con cañones sus oídos...⁴

O Subcomandante Marcos nasce para o mundo há vinte anos, no dia primeiro de janeiro de 1994, durante o levante do Exército Zapatista de Libertação Nacional em Chiapas, no Sudeste do México. Mas os ventos que trouxeram para essas terras o jovem professor, que mais tarde iria se reinventar como Marcos, começaram a soprar em 1983, quando seis pessoas chegaram à Chiapas para construir uma guerra de guerrilhas. Almejavam, naquele então, libertar os trabalhadores e camponeses da exploração do capital e fazer uma revolução. Acabaram se transformando em um exército, mas de tipo outro.

Subcomandante Marcos conta que, antes de ser Marcos, foi filho de professores em uma família de classe média de origem espanhola. Desde pequeno sua marcante veia política e literária começara a se formar por meio da leitura das obras de Shakespeare, do clássico *Don Quijote de la Mancha* e clássicos da América Latina como García Lorca e Gabriel Garcia Márquez (Márquez e Pomb, 2001). Mais tarde, estudou filosofia em uma universidade, onde participou de movimentos estudantis. O seu currículo, como ele bem explica, era feito não apenas dentro das salas de aula, onde lia autores da teoria marxista e do pensamento crítico europeu e latinoamericano, mas também através da sua militância política.

Durante a sua infância e juventude conheceu um México governado pelo Partido

4 Música “Para todos, todo” de Subcomandante Marcos e Manu Chao.

Revolucionário Institucional (PRI), que ficou quase 60 anos no poder (1946 - 2000). O PRI institucionalizou as conquistas da Revolução Mexicana, protagonizada por Francisco Villa e Emiliano Zapata no início do século XX, dando sequência a um profundo processo de reforma agrária no país, com a estatização dos recursos naturais e o reconhecimento das terras comunais das comunidades indígenas e camponesas, os *ejidos*. Entretanto, desde 1968 o processo revolucionário já havia se esgotado e o país vivia grandes retrocessos em matéria de direitos e liberdade democrática. O rapaz que iria se transformar no Subcomandante Marcos, viveu em um período em que o discurso de esquerda se chocava com a realidade de autoritarismo e repressão às lutas sociais, que se intensificavam no campo, como por exemplo o movimento armado no Estado de Morelos, e nas cidades, com organizações estudantis e sindicais de professores, médicos, eletricitistas e ferroviários (Sader *et al.*, 2006).

Formado essencialmente no contexto político e revolucionário urbano, este jovem pouco ou nada entendia da realidade dos povos indígenas e camponeses da América Latina pois, como o próprio Marcos explica, para a tradição marxista-leninista na qual havia se formado, os indígenas não existem.

Quando chegou à Chiapas não conhecia a terra onde pisava e nem as temporalidades e as geografias dos povos indígenas que habitavam a região, a maioria de origem Maia pertencentes às etnias tzotzil, tojolabal, tzeltal, chol, mam, zoque. Mesmo assim, de forma cautelosa e estratégica, chegava junto com os seus companheiros do EZLN até essas comunidades dizendo que “a melhor medicina é a revolução” e dando aulas básicas de alfabetização e matemática, educação política e militar, além de consultas médicas (Caillabet, 1997).

Ao longo de dez anos de organização comunitária de base, a realidade e a sabedoria dos povos indígenas foi transformando o projeto político do EZLN, que vai adquirindo características mais horizontais e democráticas (Caillabet, 1997). O abismo teórico e ideológico da teoria marxista em relação à realidade do Sul do México, que traziam os jovens da cidade, foi preenchido pela forma de pensar a agir sobre o mundo das comunidades locais.

Diante da realidade de exploração e repressão, o EZLN começa a se pautar por objetivos mais concretos e imediatos, como o de resistir contra os ataques e despejos dos fazendeiros e das guardas brancas,⁵ e por princípios construídos a partir o encontro dos guerrilheiros com a

5 As chamadas “guardas brancas” eram grupos paramilitares neoporfiristas instituídas pelos *Comités de Defensa de la Ciudadanía*, da qual participavam membros das elites econômicas e políticas locais.

subjetividade das comunidades, que aderem ao exército e reconstróem o zapatismo desde baixo.

Como Marcos explica:

[...] el EZLN ha enfrentado o choqueado con el pensamiento de las comunidades indígenas, en una de las bolsas de olvido a las que ha conducido el neoliberalismo (...) Cuando el poder crea la bolsa de olvido en las comunidades indígenas, las comunidades convierten esta bolsa de olvido en una bolsa de resistencia y empiezan a organizarse para sobrevivir de la única forma que podían sobrevivir, es decir, juntos, en colectivo.⁶ (Marcos apud Caillabet, 1997: 53-54).

As mulheres, desde o princípio, começaram a se aproximar do exército, situação que causava alguns estranhamentos, e ainda causa, como pontua Marcos, “nosotros no erámos feministas, éramos bien machitos... y quizás lo seguimos siendo” (*apud* Caillabet, 1997). Entretanto, a presença delas como força mobilizadora das comunidades sempre foi central e bastante numerosa. Uma mulher ícone da luta zapatista é a Comandante Ramona, uma indígena tzotzil representante do Comité Clandestino Revolucionário Indígena do EZLN, que liderou o movimento das Leis Revolucionárias sobre a Mulher, votadas pelo EZLN e colocadas em prática desde 1994.⁷ Em 6 de Janeiro de 2006 ela faleceu de uma doença nos rins. Sobre isso Marcos escreveu: “el mundo perdió a una de estas mujeres que paren otros mundos, México perdió a una de estas luchadoras que hace falta y a nosotros nos arrancaron un pedazo del corazón.” (*apud* Machin, 2013). Assim como a teoria política revolucionária se transformou em Chiapas, a teoria feminista foi reescrita desde uma perspectiva indígena no seio do movimento e do pensamento do próprio Marcos (2008): “Não que eu queira salvar meu machismo, tão natural e espontâneo [...] mas estamos falando de uma outra luta de gênero, de outro feminismo, [diferente de] o que vem de cima: do centro à periferia.”

Com uma prática ancorada à realidade de contradições, violências e opressões, próprias do campo de Chiapas, a organização político-militar do EZLN foi crescendo de forma silenciosa e o próprio Marcos foi transformando as suas concepções políticas.

No início dos anos 90, o avanço das políticas neoliberais tornavam a condição de vida cada vez mais insuportável para as comunidades indígenas e camponesas de todo o México. A crise econômica e as reformas energéticas, trabalhistas, fiscais e fundiárias, que preparavam o país para

6 A concepção zapatista de resistência, como veremos, não se trata apenas de uma atitude defensiva de negar a hegemonia do poder, mas algo muito mais amplo que será trabalhado nos capítulos que se seguem.

7 As leis asseguravam a autonomia reprodutiva, participação política igualitária, equidade salarial e o fim da violência doméstica. Também enviaram no mesmo ano 34 demandas ao governo Mexicano, entre as quais muitas incidiam sobre o direitos e bem estar das mulheres (Schwartz, 2014).

assinar os Tratados de Livre Comércio com os Estados Unidos da América, levavam ao aumento da violência, da precarização do trabalho, do esbulho dos recursos naturais e das terras comunais. Em 1992 o artigo 27 da Constituição Mexicana foi reformado para possibilitar a privatização do *ejido* e manifestações eclodiram em todo o país. Paralelamente, em 1993 as forças armadas descobrem a existência de grupos armados guerrilheiros na Selva Lacandona. Sobre o EZLN começava a se fechar um cerco militar. Com ataques direcionados à selva e rumores circulando em Chiapas a presença de militares começou a ser noticiada por grandes jornais como *La Jornada* e a revista *Proceso*. Para Marcos o momento para o levante havia chegado:

En este país todos sueñan. Ya llega la hora de despertar... La tormenta... la que está. Nacerá del choque de estos vientos, llega ya su tiempo, se atiza ya el horno de la historia, reina ahora el viento de arriba, ya viene el viento de abajo, ya la tormenta viene... así será... la profecía... la que está. Cuando amaine la tormenta, cuando la lluvia y fuego dejen en paz otra vez la tierra, el mundo ya no será mundo, sino algo mejor... Selva Lacandona, agosto de 1992. (Marcos *apud* Caillabet, 1997).

Em todas as comunidades que integravam o EZLN o levante foi votado e aprovado. Então, na noite do dia 31 de Dezembro de 1994, quando o presidente Carlos Salinas de Gortari iria anunciar a entrada do México na zona do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), o levante militar do EZLN toma de uma só vez as cidades de San Cristobal de las Casas, Las Margaridas, Ocosingo, Altamirano, Chanal, Oxchuc, Huixtán. Sete municípios, na época com um total de 373.691 habitantes (Caillabet, 1997).

A ofensiva militar veio logo em seguida e não escolheu vítimas, atacando guerrilheiros e civis indígenas. Não se sabe ao certo quantos morreram do confronto, alguns dizem 150 outros 500. Diante do confronto, os zapatistas e a população em geral começaram a se refugiar na selva e elaborar outras estratégias de ataque. O conflito durou cerca de doze dias. Armados, os zapatistas exigiam que o país os escutasse.

A “Primeira Declaração da Selva Lacandona”, escrita pelo EZLN, era de natureza muito diferente dos documentos políticos escritos pela maioria dos movimentos guerrilheiros da América Latina até então. Ela não transmitia princípios revolucionários clássicos, era antes a expressão de uma sublevação indígena planejada e organizada, com um exército de cerca de 10.000 a 15.000 pessoas. Existiram antes outros movimentos compostos por uma maioria indígena no México e em outras partes da América Latina, mas mesmo estes dificilmente combinariam de forma tão orgânica a luta pelo reconhecimento dos povos indígenas, com demandas de justiça social, que traziam enfoques claramente anticapitalistas e anti-coloniais:

Nosotros, hombres y mujeres íntegros y libres, estamos conscientes de que la guerra que declaramos es una medida última pero justa. Los dictadores están aplicando una guerra genocida no declarada contra nuestros pueblos desde hace muchos años, por lo que pedimos tu participación decidida apoyando este plan del pueblo mexicano que lucha por trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz. Declaramos que no dejaremos de pelear hasta lograr el cumplimiento de estas demandas básicas de nuestro pueblo formando un gobierno de nuestro país libre y democrático. (EZLN, 1993).

Diante do conflito, grande parte da sociedade mexicana, perplexa, começa a exigir o cessar fogo em Chiapas para o início de um processo de paz e escuta das demandas dos zapatistas. O cessar fogo também interessava aos zapatistas, que viram a opinião pública rogando pelo fim do confronto, e ao Estado Mexicano que via as taxas de *rating* caírem justo no momento em que se celebrava o ingresso do país no “primeiro mundo”.

Com as atenções de todo o país e de outras partes da América Latina voltadas para o conflito, Marcos ganha popularidade o principal porta voz do EZLN. Junto com os homens e mulheres zapatistas, ele causava perplexidade ao mundo por meio da mais poderosa arma que até então tinha disponível: as palavras e os silêncios, os gestos de dignidade, e as alternativas ao neoliberalismo.

É neste momento também que Marcos rompe com a direção centralizada da organização política da qual fazia parte o EZLN, deixando de responder a diretivas externas, e nomeando-se subcomandante e de um exército indígena.

Con ellos he vivido por más de 10 años y me enorgullece servirlos con mis armas y mi alma. Me han enseñado más de lo que ahora enseñan al país y al mundo entero. Ellos son mis comandantes y los seguiré por las rutas que elijan. Ellos son la dirección colectiva y democrática del EZLN (Marcos apud Caillabet, 1997: 71).

O Subcomandante Marcos surge como uma figura paradoxal, que chama muita atenção e interesse de pessoas das mais variadas tendências políticas, entre as quais várias personalidades da esquerda latinoamericana. Vestido e armado como um guerrilheiro, ele fala em rebeldia e amor, esquecimento e memória, dignidade, colonialismo e guerra com uma surpreendente retórica política e poética.

Marcos tem um jeito irônico e irreverente de falar e se portar. Carrega sempre um *passamontañas*, lenços rasgados, uma lanterna e um relógio em cada braço. A lanterna, ele explica, é porque nos meteram em um buraco onde não há luz. Os relógios simbolizam o descompasso entre duas temporalidades. O primeiro relógio, com qual chegou na Serra Lacandona, simboliza a

temporalidade do Estado, da nação usurpada, com a qual os poderosos do México e do mundo contabilizam o seu tempo. O outro relógio, que ganhou no dia em que o EZLN decidiu levantar-se, é um “relógio de areia”, que marca a temporalidade do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Quando as temporalidades coincidirem significa que acabou o tempo do zapatismo enquanto exército e que uma outra etapa, um outro relógio, um outro tempo há de surgir.



Subcomandante Marcos em um cavalo na Selva Lacandona. Imagem *Copy Left*⁸

O Subcomandante Marcos é, certamente, uma subjetividade de fronteira entre o mundo indígena e as classes médias urbanas do México. Ao invés de ordenar o mundo por meio do pensamento indígena ou do pensamento marxista-leninista, ele esboça o que Mignolo teoriza como uma crítica pluritópica, capaz de transitar entre o interior e o exterior da modernidade, sem negá-la completamente ou aceitá-la cegamente:

8 Acessado em 18/01/2014: http://en.wikipedia.org/wiki/Subcomandante_Marcos

“The Zapatismo”, stated Subcomandante Marcos, “is and is not Marxist-Leninist. The Zapatismo is not fundamentalist or milenarist indigenous thinking; and it is not indigenous resistance either. It is a mixture of all of that, that crystallizes in the EZLN (Mignolo, 2000: 86).

Desde essa posição, ele pensa o mundo a partir de diferentes temporalidades, geografias e cosmologias. Como bem define em um de seus contos para crianças, *Historia de las Miradas* (1999), ele caminha olhando a si mesmo, aos outros e aos caminhos que, em coletivo, se constroem.

Marcos se auto define como um tradutor, alguém cuja identidade é intersticial.⁹ Por isso, quando usa a máscara Marcos está, ao mesmo tempo, atraindo atenção e curiosidade para si e para os zapatistas, e construindo um espaço de identificação com os oprimidos do mundo, onde o espelho que molda a percepção das identidades não é o espelho colonial, que reduz o diferente ao mesmo, mas o espelho que reconhece no outro um igual, em sua diferença.

Behind our black mask, behind our armed voice, behind our unnamable name, behind what you see of us, behind this, we are you. Behind this, we are the same simple and ordinary men and women who are repeated in all races, painted in all colors, speak in all languages, and live in all places. Behind this, we are the same forgotten men and women, the same excluded, the same intolated, the same persecuted, the same as you. Behind this, we are you. (Marcos, 1998: 103).

Entretanto, todo processo de tradução e representação envolve relações de poder. Será Marcos a voz dos que não tem voz? Um intermediador da voz subalterna que, segundo Spivak (2010) sendo representada não pode se expressar? O espaço onde o *outro* se converte em uma parte subsumida do *eu*? É certo que a personalidade de Marcos ganhou demasiada popularidade e, por vezes, referendou o estereótipo da inércia indígena, ou seja, da sua incapacidade de fazer história sem uma intermediação. Dizer, contudo, que ele silenciou a voz dos indígenas é, além de uma alegação perversa, uma constatação cega.

Perversa, porque mais uma vez coloca os indígenas em uma falsa posição de vítima, ocultando as decisões políticas estratégicas do movimento, que precisou da visibilidade e popularidade do Subcomandante Marcos para sobreviver e não ser massacrado pelo governo. Cega porque incapaz de perceber que, desde o início do EZLN, os guerrilheiros indígenas falam. “Eles, os obrigados ao silêncio, são os que mais voz têm. Dizem pelo que falam, dizem pelo que calam” (Galeano, 2009: 333). São eles quem tomam as decisões sobre as direções do movimento, fazem falas públicas em praças, encontros, comícios e ministram aulas nas escolas zapatistas para gente de

9 “Carlos entrevista a Subcomandante Marcos”. Acessado em 15/01/2014: <https://www.youtube.com/watch?v=irLRvbI3qpc>

todo o mundo.

A visibilidade que a imagem do Subcomandante Marcos desperta, contudo, pode em alguns casos ser prejudicial para o movimento. Ele próprio admite que se tivesse que fazer algo diferente teria estado menos presente nos meios de comunicação e, em uma carta a Eduardo Galeano, confessa suas vaidades: “Yo lo entiendo, pero resulta de nuestra torpeza en este asomarnos a la historia nos lleva a la imprudencia y, sí, al exceso de palabras y tras reiteraciones” (*apud* Caillabet, 1997). Marcos diz não gostar de ser definido como um indivíduo carismático, um Che Guevarra moderno ou a reencarnação de Zapata, como os meios de comunicação comumente o definem. Antes, ele entende a si mesmo como alguém que deixou a sua vida pelos ninguéns, assim como tantos outros homens e mulheres que dedicam uma vida silenciosa e rebelde para construir um outro mundo. Assim o escreveu em uma carta para um menino de La Paz:

Sin embargo, estoy seguro que algún día, como en el que escribí lo que aquí te pongo, entenderás que es posible que existan hombres y mujeres como nosotros, sin rostro y sin nombre, que lo dejan todo. Hasta la vida misma, para que otros (niños como tú y que no son como tú) puedan levantarse cada mañana sin palabras que callar y sin máscaras para enfrentar al mundo. Cuando ese día llegue, nosotros, los sin rostro y sin nombre, podremos descansar, al fin, bajo tierra. . . (Marcos, 1994b).

Marcos e os zapatistas têm contribuído com o mundo a partir de uma outra concepção de poder, de política e de globalização desde baixo. Além da prática política Zapatista, procuro analisar a forma particularmente poética como Marcos tem expressado a sua forma de ver o mundo. Percorri alguns dos mais de 200 artigos, contos e 21 livros publicados, de sua autoria, além de entrevistas, músicas, poesias e artigos de opinião de outras pessoas que dialogam com o seu pensamento.

3. Um outro pensamento, uma outra pedagogia

Por sua apurada capacidade teórica e poética, também ficou conhecido o Subcomandante Marcos nos meios intelectuais latino americanos. Foram muitos os pensadores com os quais ele dialogou: Alain Torraine, Eduardo Galeano, Carlos Monsivás, Elena Poniatowska, José Saramago, Ignacio Ramonet, Gabriel García Márquez, Immanuel Wallerstein... Como pontua Galeano em um discurso em Chiapas, Marcos “había injertado un sentido de humor al discurso tradicional de la izquierda”.¹⁰

10 Acessado em 15/01/2014 em: <https://www.youtube.com/watch?v=ICsnSAyJABY>

Muitos são os escritos do Subcomandante Marcos, entre os quais vários contos estão destinados às crianças. Seus textos muitas vezes não recebem a sua assinatura, mas a rubrica de *Don Durito de Lacandona*, um besouro fumador de cachimbo do qual ele garante não ser mais do que um fiel escudeiro. Outro personagem comum em seus contos é o *Viejo António*, um ancião indígena que narra histórias e ensinamentos, reais e inventados, que revelam os aprendizados de Marcos com a cultura, a forma de ser e de lutar das diferentes etnias indígenas de origem Maia com as quais ele esteve em contato.

Através de seus escritos, Marcos se revela um educador-educando. Educador, por sua enorme capacidade de descortinar um mundo de ideias através de uma linguagem simples, humilde e que toca o coração. Educando, porque as palavras que escolhe para traduzir o mundo são descobertas na medida em que ele descobre e recria, em coletivo, o mundo junto a seus companheiros e companheiras zapatistas.

Aprender, para Marcos, sempre foi considerada uma das maiores virtudes para se transformar o mundo, pois é essa a capacidade que nos permite entender as condições objetivas de cada povo, bem como as suas aspirações emancipatórias.

“O problema com a realidade é que não entende nada de teoria”, diz o personagem *Don Durito de Lacandona* (Marcos, 2008: 27). Uma das preocupações centrais do Subcomandante Marcos dentro do zapatismo é com os processos de educação popular, como forma de ligar a teoria com o amor, com a rebeldia, com a prática cotidiana da luta contra o capitalismo global.

Com essa ideia em mente, os zapatistas organizam cursos onde não há professores, mas educandos; universidades que são certificadas pelo próprio povo, como a Unitierra,¹¹ e vários encontros com ativistas de movimentos sociais de todo o mundo.¹²

[...] entendemos que la educación puede venir y organizarse desde el corazón de nuestros pueblos. Educar es aprender, es decir, "educar aprendiendo". Podemos educar con los alumnos y alumnas que nos educan para poder educarnos de quienes somos para la vida y así construir a esos muchos mundos que soñamos todos y todas. Podemos decir que sabemos educar a los que nos educan, por esto es que la

11 Os zapatistas desenvolveram também o *Sistema Educativo Rebelde Autónomo Zapatista de Liberación Nacional de los Altos Chiapas*, que integra educação primária e secundária para as crianças zapatistas e cursos para aqueles que vêm de fora e que compartilham os princípios de justiça, liberdade e democracia para todos, conforme a *Sexta Declaração da Selva Lacandona*.

12 Nos encontros zapatistas, tais como os *Encuentros Intergaláticos* e o *Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo* em 1996, que contou com a participação de aproximadamente 5.000 pessoas de 46 países, a ideia é construir espaços onde uns aprendem com os outros, mais do que grandes painéis onde uns falam e a maioria escuta.

escuela es para todo el mundo por lo que decimos “para todos todo, nada para nosotros”.¹³

Por meio das palavras e da educação, os zapatistas conseguiram transformar a *práxis* cotidiana das comunidades camponesas e indígenas, trazer apoiadores para o EZLN, e construir uma outra relação política com movimentos e organizações sociais, baseada na troca de saberes, experiências, valores e ideais emancipatórios e não na disputa de hegemonias dentro do campo da esquerda.

4. Uma outra concepção de poder, política e opressão

Abaixo e à esquerda, assim propõe o zapatismo construir uma política revolucionária. Alguns os acusam de não ser suficientemente à esquerda. Para o Subcomandante Marcos é a esquerda que não está suficientemente *abajo* (Marcos, 2005).

Para este Mestre do Mundo, a política e a filosofia política *de cima* dominam hoje grande parte do campo dos movimentos sociais e organizações políticas. A ideia segundo a qual se pode transformar a realidade sem lutar e sem mexer nos privilégios de que desfrutam os poderosos, e de que a única fonte de poder e opressão é a economia política, se tornaram absolutamente populares e tem produzido muito imobilismo e conformação (Marcos, 2008). Por falar em uma outra campanha, que não a eleitoral, em uma outra revolução, que não envolve tão somente tomar o poder, em outras formas de poder e opressão, que não as do capital, Subcomandante Marcos é comumente acusado de ser um intelectual e militante pós-moderno.

Para Marcos, um pensamento que caminhe *abajo*, conectado às realidades de opressão e exclusão, é um pensamento que não descola a teoria da prática e que sabe que tantas quando são as formas de opressão e de exclusão, quantas serão as teorias necessárias para se pensar a emancipação social. Subcomandante Marcos é um intelectual capaz de diálogos e traduções entre as formas de pensamento da modernidade e aqueles que estão fora da modernidade, valorizando sempre as possibilidades de articulação das lutas sem a pretensão de constituição de uma vanguarda unificadora. Por isso, pode-se dizer que o seu pensamento é, simultaneamente, anticapitalista, antipatriarcal, anti-imperial e pós-colonial.

Toda vanguardia se supone que es representante de la mayoría. En nuestro caso pensamos que eso no sólo es falso sino que, en el mejor de los casos, no va más

13 Página do Sistema Educativo Rebelde Autônomo Zapatista de Liberación Nacional de los Altos Chiapas. Acessada em 16/01/2014: <http://www.serazln-altos.org/celmraz.html>

allá de un buen deseo, y en el peor de los casos es un claro ejercicio de suplantación. (Marcos *apud* Márquez e Pumb, 2001).

A grande novidade do pensamento do Subcomandante Marcos e do zapatismo, adianta Boaventura (2001), reside em uma concepção ampla do poder e da opressão. É certo que eles consideram que hoje a humanidade tem um inimigo em comum, que é o neoliberalismo e a guerra que este tem promovido contra a humanidade, mas essa não é a única fonte de opressão, além do que ela assume diferentes facetas para cada grupo humano e em cada contexto específico. Como explica Marcos:

El zapatismo no es una ideología, no es una doctrina cabal, es una intuición. Algo tan abierto y tan flexible que realmente tiene en todos los lugares, entre todas las fuerzas, todos los excluidos, que reconocen un enemigo común. El zapatismo plantea la pregunta, que es lo que mi tiene así? Que me excluye? Que me ha aislado? Y la respuesta que se dá es diferente para los indígenas mexicanos y para los indígenas en Norte América, o para los migrantes en Europa, o para el movimiento de resistencia en Asia, o para los negros en África, cada lugar esta respuesta es diferente. El zapatismo solo hace la pregunta y adelanta que la respuesta es plural, es incluyente y debe ser tolerante”¹⁴

Dessa forma, Marcos não propõe simplesmente a construção de uma hegemonia socialista, como postulava Gramsci, intelectual pelo qual tem grande respeito, mas antes a construção de uma contra-hegemonia globalizada, rebelde e insurgente, ancorada em lutas locais capazes de se articular para além do local.

Para o zapatismo, contudo, poder não significa apenas dominação e opressão, mas a força da organização coletiva e democrática do povo. Dussel (2010) chama a atenção para o fato de que, em primeiro lugar, o zapatismo criou um problema teórico ao ser um movimento revolucionário que conjuga, simultaneamente, reivindicações e identidades de etnia e de classe, categorias que pouco se mesclavam no pensamento ocidental moderno. Isto significou o surgimento de uma práxis híbrida, que traduz no seu interior princípios do marxismo clássico, das correntes de esquerda latino-americana, como a teologia da libertação, e pensamentos indígenas e comunitários próprios daquela região.¹⁵ Um exemplo de hibridação conceitual é a ideia zapatista de resistência.

Para o pensamento ocidental moderno a resistência é entendida, na maioria das vezes, como

14 Acessado em 15/01/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PDLssf72C3Y&list=PLE8F91BA575051060>

15 O envolvimento de religiosos da teologia da libertação com o Exército Zapatista de Libertação Nacional é marcante. São eles, por exemplo, que impulsionam grande parte dos projetos de educação popular nas comunidades levantadas. Um destaque especial deve ser dado ao Bispo Samuel Ruiz García, que mediou em grande medida os processos de paz entre o governo e o EZLN em 1994.

uma força de oposição e antagonismo ao capitalismo, colonialismo, patriarcado, como a negação de uma forma dominante de poder. Poucas vezes a resistência é concebida como força criativa, como saberes e práticas sociais que existem apesar da opressão e exclusão. Os pais, avôs e avós dos indígenas zapatistas resistem ao poder colonial e neocolonial por séculos. Entretanto, não o fazem se posicionando em posição antitética à modernidade colonial, mas, sobretudo, inventando e reinventando formas de organização social e vida que os permitam ser algo mais do que a negação daquilo que os oprime e exclui. Como ressalta Boaventura de Sousa Santos (2001), “o acento tônico [do Zapatismo] não está na destruição do que existe, mas na criação de alternativas.”

Dussel (2010) postula que o zapatismo, assim como outros movimentos da América Latina, contribui para a descolonização da filosofia política por reintroduzir uma nova concepção de poder enquanto *potência*, constituída pela vontade de vida acordada factivamente em uma comunidade política. “No se toma el poder, se puede tomar las instituciones del Estado, pero eso no es el poder” (Dussel, 2010: 32).

Por isso, o Subcomandante Marcos faz uma ácida crítica à política *de cima*, ou seja, às disputas que se dão no âmbito da democracia representativa, que ele considera uma farsa. Junto com os zapatistas se esforça, sobretudo, para construir novas instituições autônomas e populares *desde baixo* para transformar as relações de poder e o entendimento do que significa fazer a política. Isto não significa, contudo, que a disputa pela abertura e transformação dos espaços institucionais não seja um horizonte para o zapatismo. A *outra campanha*, lançada pelo EZLN em 2005, têm como principal objetivo reconstruir uma aliança ampla entre as esquerdas para fazer frente ao neoliberalismo e promover transformações constitucionais relevantes para todo o país e, principalmente, para o reconhecimento de direitos dos povos indígenas e camponeses.

O Subcomandante Marcos explica que quando o Estado e a sociedade se fizeram surdos por tempo demais e a indignidade se tornou insuportável para as comunidades zapatistas, estas tiveram que pegar em armas para lutarem contra a morte e o esquecimento. Entretanto, o que essa revolução propunha, desde o princípio, não era derrotar o governo para ficar em seu lugar, mas sim uma abertura democrática para a participação popular verdadeira, como se pode perceber na *Primeira Declaração da Selva Lacandona*. Santos pontua que essa é outra novidade do zapatismo:

Se são muitas as formas de poder, de nada vale conquistar o poder do Estado se a sociedade não for transformada no sentido da igualdade com o reconhecimento da diferença, ou seja, no sentido da dignidade: “Tomar o poder? Não, apenas algo muito mais difícil: um mundo novo” (Santos, 2001).

Para Marcos o zapatismo não é um movimento guerrilheiro clássico, pois não almeja tomar o poder, mas sim, transformá-lo. O EZLN embora ainda tenha uma estrutura militar, propõe deixar de ser um exército:

Nosotros nos hicimos dentro de un ejército, el Zapatista de Liberación Nacional. La estructura es militar. El subcomandante Marcos es el jefe militar de un ejército. En todo caso nuestro ejército es un ejército muy otro porque lo que se está proponiendo es dejar de ser ejército. El militar es una persona absurda que tiene que recurrir a las armas para poder convencer al otro de que su razón es la razón que debe proceder, y en ese sentido el movimiento no tiene futuro si su futuro es el militar. Si el EZLN se perpetúa como una estructura armada militar, va al fracaso. Al fracaso como una opción de ideas, de posición frente al mundo. Y lo peor que le podría pasar, aparte de eso, sería que llegara al poder y se instalara como un ejército revolucionario. Para nosotros sería un fracaso.” (Marcos *apud* Marquez e Pumb, 2001).

Ao longo dos anos, a estrutura do ELZN foi se transformando no sentido de converter-se em uma organização mais democrática e horizontal. As comunidades criaram Juntas de Bom Governo, Caracóis,¹⁶ sistemas de educação autônomos e instituições populares, que não aceitam verbas das políticas públicas do Estado mexicano. Sete princípios governam os zapatistas, junto a proposta de mandar obedecendo, que vale para as lideranças: servir, não servir a si mesmo; representar e não suplantar; construir e não destruir; obedecer e não comandar; propor e não impor, convencer ao invés de ganhar o outro, descer e não subir.

Em vez de construir uma oposição entre quadros políticos e a base, o zapatismo propõe uma nova forma de fazer e entender a política onde o poder popular não se pode delegar completamente. Dessa forma, fazem uma crítica à democracia representativa e a seus procedimentos propondo uma nova concepção de democracia que existe para além do próprio Estado. Trata-se de uma proposta baseada na construção de relações de autoridade partilhada nos mais diferentes espaços da vida social para que o poder não seja mais exercido por uma só classe ou gênero, mas por todos e em coletivo. Como propõe *Sexta Declaração da Selva Lacandona*:

El problema del poder no será quién es el titular, sino quién lo ejerce. Si el poder lo ejerce la mayoría, los partidos políticos se verán obligados a confrontarse a esa mayoría y no entre sí.[...] esta revolución no concluirá en una nueva clase, fracción de clase o grupo en el poder, sino en un "espacio" libre y democrático de lucha política. Este "espacio" libre y democrático nacerá sobre el cadáver maloliente del sistema de partido de Estado y del presidencialismo. Nacerá una relación política nueva. Una nueva política cuya base no sea una confrontación entre organizaciones políticas entre sí, sino la confrontación de sus propuestas políticas con las distintas clases sociales, pues del apoyo real de éstas dependerá la

16 Unidade de organização e reflexão zapatista.

titularidad del poder político, no su ejercicio.(EZLN, 2005).

5. Uma outra pátria

Somos mujeres y hombres de maíz [...] con palabra, mirada y modo, es decir, cultura, somos la raíz. (EZLN, 2005).

Pátria, é essa talvez uma das palavras mais evocadas pelo Subcomandante Marcos em seu discurso. Essa ideia, que serviu no século XX para evocar projetos coloniais que buscavam assimilar, homogeneizar, silenciar e excluir toda a diferença, reaparece no zapatismo como uma reivindicação do direito à democracia, à justiça, à dignidade e à diferença cultural, social e política dos povos indígenas, resultante da luta histórica contra a opressão e a exclusão.

Essa concepção se contrapõe ao projeto dominação das elites nacionais, grupos historicamente hegemônicos cujo poder se assenta na colonialidade, na violência e na expropriação das condições de dignidade das comunidades indígenas, camponesas, trabalhadores urbanos, formais e informais, mulheres, homens, crianças, idosos... Ao contrário do nacionalismo revolucionário e o nacionalismo burguês do século XX, os zapatistas negam as concepções monoculturais de nação, que invisibilizam e hierarquizam as diferenças ao tentar criar uma ficcional homogeneidade do povo.

Segundo o Subcomandante Marcos os indígenas são os esquecidos da pátria, negados do seu direito à participação política, de lutar pela sua dignidade e direitos, e negados ao reconhecimento de sua história. Segundo Marcos, um povo sem história não pode existir enquanto povo. O poder tenta se apropriar dessa história para silenciá-los. O papel dos movimentos seria, pois, o de recuperar esta história que lhes estão ocultando. Por isso, a luta zapatista é uma luta contra o esquecimento.

Nesse outro nacionalismo, as raízes não são essências do ser de um povo, mas opções, escolhas que reconhecem a presença do passado como elemento de força para as lutas pelo futuro. Boaventura de Sousa Santos (2010) defende que vivemos em um tempo de repetição que é o que permite ao presente se alastrar ao passado e ao futuro, canibalizando-os:

[...] a burguesia sente que sua vitória histórica está consumada e ao vencedor consumado não interessa senão a repetição do presente. [...] É por isso que, em minha opinião, não podemos voltar a pensar a transformação social e a emancipação sem reinventarmos o passado. O que proponho [...] é uma nova teoria da história que nos permita voltar a pensar a emancipação social a partir do passado, e, de algum modo, de costas viradas para um futuro supostamente

determinado. (Santos, 2010: 52-53).

Como expressa Marcos em seus discursos e textos, a verdadeira pátria mexicana não é composta por uma só raiz, uma só língua, um só povo e uma só história, mas por vários projetos de mundo que precisam se escutar e aprender a construir juntos uma outra realidade para o país, onde as pessoas possam viver em dignidade. É por isso que ele, junto aos zapatistas, propõe a construção de uma outra campanha política que, através de um processo de tradução dos diferentes projetos políticos, possa traçar uma luta comum anti-capitalista e anti-imperialista que transforme o México e o mundo.

Y así en general, nosotros vemos que en nuestro país, que se llama México, hay mucha gente que no se deja, que no se rinde, que no se vende. O sea que es digna. Y eso nos da mucho contento y alegría porque con toda esa gente pues no tan fácil van a ganar los neoliberales y tal vez si se logra salvar a nuestra Patria de los grandes robos y destrucción que le hacen. Y pensamos que ojalá nuestro “nosotros” incluyera todas esas rebeldías... (EZLN, 2005).

É preciso também entender o nacionalismo que Marcos evoca dentro do contexto político de uma luta contra o imperialismo norte americano e contra a participação do México no NAFTA. Nesse sentido, ele adquire um forte componente de crítica à globalização neoliberal, que tem desmontado os Estados para devorar a carne humana, as terras, o trabalho e os recursos naturais dos povos. Defender a pátria é, portanto, uma luta concreta contra os avanços dos processos de violência e apropriação neocoloniais. Marcos dialoga com vários autores críticos do colonialismo interno no México como Carlos Monsivás e Pablo Gonzáles Casanova, a este último escreveu uma carta em um tom pessoal, reconhecendo a importância de seu pensamento para a teoria política do zapatismo e para o processo de negociação de paz com o governo.

Sepa usted que nos llena de orgullo el haber estado cerca tuyo [...]. Aún antes del tiempo en que se desempeñó como miembro de la Comisión Nacional de Intermediación, sus palabras nos ayudarán a entender este dolor que llamamos “México” (Marcos, 2003: 411-412).

Embora a concepção de pátria do Subcomandante Marcos seja substancialmente distinta daquela que, no século XX, deu origem ao fascismo, ao nazismo, imperialismo, etc. Poderíamos ainda nos questionar se vale a pena disputar o sentido histórico deste conceito ou não. Ou ainda, questionar de que serve a nação e suas histórias e fronteiras se não para nos separar, nos afastar e nos dividir.

O conceito de Nação foi amplamente evocado por movimentos sociais e intelectuais na América Latina tais como Simon Bolívar, José Martí e José Luis Carlos Mariátegui e segue

despertando nas pessoas um sentimento de que existe uma comunidade política comum. Definitivamente, foi um conceito amplamente disputado pelas mais diversas correntes ideológicas. Entretanto, nas últimas décadas, a ascensão de movimentos indígenas em vários países na região, com especial destaque para a Bolívia e o Equador, tem contraposto ideia de nação com a proposta de um Estado Plurinacional, onde não existe uma pátria, mas várias. Esses movimentos têm contribuído para a reconceituação da ideia de povo e de Estado na América Latina a partir do reconhecimento da pluralidade de formas de organização social, política e legal dentro do país e de diferentes projetos políticos que, de alguma forma, podem aprender a dialogar e conviver. Certamente, estamos assistindo hoje a uma disputa em torno da utilização dos princípios de pátria e nação. A forma como o zapatismo lidará com essa tensão ainda não é clara.

6. Uma outra globalização

O Subcomandante Marcos reconhece que o nosso inimigo cresceu. O capitalismo neoliberal globalizado atualmente domina os trabalhadores não apenas em um país, ou em vários, mas em todo o mundo. Por isso, Marcos considera que estamos vivendo em plena quarta guerra mundial (a terceira foi o que se chamou de guerra fria): “Não se pode entender e explicar o sistema capitalista sem o conceito de guerra. [...] Na etapa de globalização neoliberal, o capitalismo faz guerra a humanidade inteira.” (Marcos, 2008: 54).

Por isso, ele entende que, assim como o seu inimigo, é necessário fazer crescer e expandir o “*zapatismo civil*”, ou seja, as lutas locais contra o poder global e a articulação transnacional entre os movimentos que, em diferentes partes do mundo, confrontam o neoliberalismo. Os zapatistas dizem que é necessário promover uma globalização da rebeldia, abaixo e à esquerda, uma ideia que se aproxima do que Boaventura de Sousa Santos (2008) define como uma globalização contra-hegemonica.

7. Um outro mundo

O EZLN surgiu em um momento histórico de auge do neoliberalismo no México. Com o fim do socialismo real da URSS e o triunfo do capitalismo global, muitos julgavam que só havia um único futuro possível a qual todos deveríamos nos resignar. Mas nem todos escutaram a essa cruel festa da (in)sensatez.

Los más, los millones siguen sin escuchar la voz del poderoso y el tibio, no alcanzaran a oír, están ensordecidos por el llanto y la sangre que – muerte y miséria- les gritan al oído (Marcos *apud* Caillabet, 1997: 35).

O zapatismo resgatou a esperança e a rebeldia em um momento que a correlação de forças era desfavorável e que qualquer ato de radicalidade parecia atentar contra a razão. Contra todas as evidências, Marcos afirmava, desde a Selva Lacandona, que um outro mundo é possível e necessário:

En nuestros sueños hemos visto otro mundo. Un mundo verdadero, un mundo definitivamente más justo que en el que ahora andamos. Vimos que en este mundo no eran necesarios los ejércitos, que en él eran la paz, la justicia y la libertad tan comunes que no se hablaba de ellas como cosas lejanas, como quien nombra pan, pájaro, aire, agua, como quien dice libro y voz, así eran nombradas las cosas buenas en este mundo. (Marcos, 1994a).

Esse mundo, no entanto, é de um tipo novo. Não se traduz em uma espera conformada por uma realidade que está localizada em algum lugar distante no futuro, mas em um futuro que se constrói no presente, em ações, gestos, ideias e formas de organização comunitária concretas. Essa ideia se traduz pelo lema zapatista “Caminhar Perguntando”, que valoriza mais o caminho do que a chegada. Para Marcos o futuro já se figura no presente, em ações cotidianas que produzem solidariedade na escuridão da noite dos povos.¹⁷

Y en este mundo era razón y voluntad el gobierno de los más, y eran los que mandaban gente de bien pensar; mandaban obedeciendo, no era ese mundo verdadero un sueño del pasado, no era algo que venía de nuestros antepasados. Era de adelante que venía, era del siguiente paso que dábamos. Así fue que nos echamos a andar para lograr que ese sueño se sentara a nuestra mesa, iluminara nuestra casa, creciera en nuestras milpas, llenara el corazón de nuestros hijos, limpiara nuestro sudor, sanara nuestra historia y para todos fuera. Esto queremos. Nada más, pero nada menos (Marcos, 1994a).

Como já mencionado, Marcos não reivindica uma posição de vanguarda para os zapatistas na construção do novo mundo, pois acredita que cada coletividade humana tem diferentes respostas sobre como será esse mundo, e que é nessa diversidade de propostas emancipatórias que a luta deve se fazer. “Um mundo onde caibam todos os mundos”, propõem os zapatistas. Quando interpelado pela pergunta: “E aqueles que não desejam um mundo onde caibam todos?”, Marcos contesta: “Estes podem sempre aprender”.¹⁸

17 A metáfora do dia e da noite traduz uma concepção Maia do tempo (Benzaquen, 2012).

18 Acessado em 15/01/2014: <https://www.youtube.com/watch?v=PDLssf72C3Y&list=PLE8F91BA575051060>

8- Porque o Subcomandante Marcos é um mestre do mundo?

O pensamento do Subcomandante Marcos tem causado muitos debates entre a esquerda européia e americana. Alguns consideram que se trata de uma ideologia pós-moderna e fragmentadora, quando o que se postula é a união na diversidade; outros acreditam que é uma posição demasiado ingênua. O certo é que esse pensamento, dito ingênuo e romântico, inspirou milhares de pessoas na América Latina e no mundo a construir uma nova forma de globalização desde baixo, onde a diversidade é celebrada como força e riqueza e não como fator de fragmentação.

Muitos consideram que o pensamento transmitido pelo Subcomandante Marcos está na origem do Fórum Social Mundial, que nasce com a afirmação de que “Um outro mundo é possível”, ainda que os próprios zapatistas, como um exército armado, nunca tenham participado do encontro.¹⁹ O próprio Marcos reconhece que hoje muitos são os que andam como zapatistas, falam como zapatistas, sentem como zapatistas, sonham como zapatistas.

O projeto de mundo que Marcos defende não se apresenta como uma alternativa única e total para a sociedade, mas como uma proposta de aliança e solidariedade para a transformação social do México e do mundo. Com essa nova proposta, que ganhou permeabilidade entre muitos daqueles que lutam abaixo e à esquerda, Marcos conseguiu se consagrar como um mestre do mundo para muitos movimentos, organizações e intelectuais dentro da América e da Europa, onde suas propostas são mais conhecidas.

Sua maior contribuição, contudo, foi no terreno concreto e cotidiano das comunidades zapatistas do Sul do México. Estas seguem sendo comunidades empobrecidas e carentes de recursos, embora tenham hoje acesso à terra e aos meios produtivos próprios. De maneira autônoma os zapatistas conseguiram melhorar suas condições de vida, ainda que estejam cercados por forças militares. Embora os acordos de paz entre os zapatistas e o governo tenham avançado apenas de um lado (os zapatistas cumprem a sua palavra, mas os direitos dos povos indígenas ainda não foram reconhecidos) é notório o fato de que as comunidades recuperaram um espaço de reivindicação da sua voz política no país e no mundo.

¹⁹ A carta de princípios do Fórum Social Mundial, no artigo 10, postula que: “O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Acessado em 14/01/2014:
http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=1

Graças ao espaço político aberto pelos zapatistas, várias comunidades autônomas estão florescendo em diferentes partes do México (Esteva, 2013). Os *olvidados*, uma vez juntos, reconstroem a memória para transformar a história.



Quadro zapatista.²⁰

Ainda que haja muitos erros, problemas e ameaças, o Subcomandante Marcos segue vivendo nas comunidades a partir de uma incansável aposta no reconhecimento dos direitos, da dignidade e do ser das comunidades empobrecidas do México. Essa obstinada persistência e dedicação nos ensina muito sobre a construção de uma política *desde baixo*, que se faz a pesar dos modismos, da fama ou (in)visibilidade e das contradições inerentes à luta social.

O Subcomandante Marcos e o movimento zapatista construíram um sentimento e uma ideia poderosa em um momento de avassaladora desesperança: o sentimento da esperança rebelde, que é ativa e não espera, e a ideia de que o que existe não pode durar para sempre. Pela força do que criaram, elas e eles deram força a um coração que ainda pulsa e pulsará enquanto os *de baixo* tiverem a sua memória e esperança vivas.

¿Lo veremos? ¿Importa si lo veremos? Creo yo que no importa tanto como el saber a ciencia cierta que nacerá y que en largo y doloroso parto de la historia algo y todo pusimos: vida, cuerpo y alma. Amor y dolor, que no sólo riman, sino que se

²⁰ Acessado em 10/01/2014 em: <http://enlivenedlearning.com/2012/12/14/the-universidad-de-la-tierra-arriving/>

hermanan y juntos marchan. Por esto somos soldados que quieren dejar de ser soldados. Pero resulta que, para que ya no sean necesarios los soldados, hay que hacerse soldado y recetar una cantidad discreta de plomo, plomo caliente escribiendo libertad y justicia para todos, no para uno o para unos cuantos, sino para todos, todos, los muertos de antes y de mañana, los vivos de hoy y de siempre, los de todos que llamamos pueblo y patria, los sin nada, los perdedores de siempre antes de mañana, los sin nombre, los sin rostro. (Marcos, 1994b).

9. Um poema para a Sombra

“¡Todos somos Marcos!” cualquiera escribe en la pared.

pero si todos son Marcos, Marcos es Nadie.

Sí, Nadie. Precisamente lo que él quería ser.

Alguien que no siendo busca ser varios.

Los Nadie del mundo se reconocen en él.

En la sombra, el color pueden ser todos.

Pero en la luz el color es uno, apesar de que esté mezclado.

Mejor entonces si es sombra

para que los sombra se hagan luz.

Juntos ellos han lanzado un puente

desde la sombra hasta la luz.

Y cuando llegue la mañana

Y los colores bailen sobre la tierra

Él, sombra, volverá a ser color.

(Isabella Gonçalves Miranda, 15 de Janeiro de 2014)

10. Referências Bibliográficas

- BENZAQUEN Júlia Figueiredo (2012), *Universidades dos Movimentos Sociais: apostas em saberes, práticas e sujeitos descoloniais*. Tese de doutoramento defendida no programa Pós-colonialismos e Cidadania Global. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- CAILLABET, Carlos (1997), *Chiapas, el choque de los vientos*. Uruguai: del Quijote.
- DUSSEL, Enrique (2010), “Descolonización de la filosofía política: Ayer y hoy”, In Heriberto Cairo e Ramón Grosfoguel *et al.* (Orgs.), *Descolonizar la Modernidad, Descolonizar Europa – un diálogo Europa – América Latina*. Madrid: Iepala.
- ESTEVA, Gustavo (2014), “New forms of Revolution (Part 1): The Lacandona Commune”. Acessado em 12/01/2014: <http://upsidedownworld.org/main/mexico-archives-79/4620-new-forms-of-revolution-part-1-the-lacandona-commune>
- EZLN (1993), *Primera Declaración de la Selva Lacandona*. Acessado em 10/01/2014: <http://palabra.ezln.org.mx/>
- EZLN (1993), *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*. Acessado em 10/01/2014: <http://palabra.ezln.org.mx/>
- EZLN (1993), *Tercera Declaración de la Selva Lacandona*. Acessado em 10/01/2014: <http://palabra.ezln.org.mx/>
- EZLN (1993), *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*. Acessado em 10/01/2014: <http://palabra.ezln.org.mx/>
- EZLN (1993), *V Declaración de la Selva Lacandona*. Acessado em 10/01/2014: <http://palabra.ezln.org.mx/>
- EZLN (2003), *EZLN – Documentos y Comunicados*. México D.F.: Edição Era S.A.
- EZLN (2005), *Sexta Declaración de la Selva Lacandona*. Acessado em 10/01/2014: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/sdsl-es/>
- GALEANO, Eduardo (1995), “El desafío. Mensaje enviado al Segundo Diálogo de la Sociedad Civil”. Acessado em 05/01/2014: <http://www4.loscuentos.net/cuentos/other/10/16/130/>

- MACHIN, Juan (2013), *Ramona Tejedora de Sueños y Rebeldía*. Acessado em 12/01/2014: http://issuu.com/jmachin85/docs/ramona_tejedora_de_sue_os_y_rebeld_a
- MARISCAL, Angela (2014), “EZLN anuncia que globalizará su resistencia y rebeldía”. Acessado em 10/01/2014: <http://www.chiapasparalelo.com/noticias/chiapas/2014/01/ezln-anuncia-que-globalizara-su-resistencia-y-rebeldia/>
- MARCOS, Subcomandante (1994a), “Comunicado do EZLN, 1º de Março”. Acessado em 10/01/2014: http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1994_03_01_b.htm
- MARCOS, Subcomandante (1994b), “Carta a un niño de La Paz: al niño Miguel A. Vázquez Valtierra”. Acessado em 5/10/2014: http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1994_03_05.htm
- MARCOS, Subcomandante (1994c), “História de la Mirada”. Acessado em 5/01/2014: <http://palabra.ezln.org.mx/>
- MARCOS, Subcomandante (2002), *Our world is our weapon*. New York: Seven Story Press.
- MARCOS, Subcomandante (2005), “Abajo y a la izquierda”. Acessado em 8/01/2014: <http://www.voltairenet.org/article124065.html>
- MARCOS, Subcomandante (2005b), “El mensaje del guerrillero debilita a los políticos actuantes”. Acessado em 8/01/2014: <http://www.voltairenet.org/article125989.html>
- MARCOS, Subcomandante (2005c), “Esto no es una carta de despedida, aunque a ratos lo parezca”. Acessado em 8/01/2014: <http://www.voltairenet.org/article126071.html>
- MARCOS, Subcomandante (2005d), *Conversations with Durito: Stories of the Zapatistas and Neoliberalism*. Canada: Acción Zapatista Editorial Collective.
- MARCOS, Subcomandante (2008), *Nem o centro, nem a periferia. Sobre cores, calendários e geografias*. Tradução de Danilo Ornelas Ribeiro. Porto Alegre: Deriva.
- MARCOS, Subcomandante (2012), *Los Otros Cuentos. Relatos del Subcomandante Insurgente Marcos. Volumen 2*. Acessado em 3/01/2014: <http://www.redchiapas.org/proyectos/los-otros-cuentos-volumen-2/>

- MARCOS, Subcomandante (2013), “Comunicado do EZLN, 1º de Março”. Acessado em 3/01/2014: http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1994_03_01_b.htm
- MARQUÉZ, Gabriel Garcia; POMB, Roberto (2001), “Entrevista a Sub-comandante Marcos”, *Revista Cambio*, 25 de março. Acessado em 5/01/2014: <http://www.cambio.com.co/archivo/documento/CMS-3450593>
- MIGNOLO, Walter D. (2000), “Border Thinking and the Colonial Difference”, In *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton University Press, p. 49-89.
- SADER, Emir; JINKINGS, Ivana *et al.* (Orgs.) (2006), *Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2001), “O novo milênio político”, *Visão* em 5 de Abril de 2001. Acessado em 10/01/2014: <http://www.ces.uc.pt/opiniao/bss/018.php>
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2005), “Os zapatistas”, *Visão* em 7 de Julho de 2005. Acessado em 10/01/2014: <http://www.ces.uc.pt/opiniao/bss/134.php>
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2008), "El Foro Social Mundial y la Izquierda Global". *El Viejo Topo*, 240, 39-62.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2010), *A gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 3ª ed.
- SCHWARTZ, Juliana Britto (2014), “4 things feminists can learn from the Zapatistas”. Acessado em 10/01/2014: <http://feministing.com/2014/01/03/4-things-feminists-can-learn-from-the-zapatistas/>
- SPIVAK, Gayatri Chakravoty (2010), *Pode o Subalterno Falar*. Tradução de Sandra Regina Goulart de Almeida; Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

ANEXOS

I) Obras do Subcomandante Marcos

MARCOS, Subcomandante (1994), *Mexico: A Storm and a Prophecy*. New York: New Earth Press.

MARCOS, Subcomandante (1994), *Ya basta! Les Insurgés Zapatistes Racontent un An de Révolte au Chiapas - Tome 1*. Paris: Éditions Dagorno.

MARCOS, Subcomandante (1996), *Ya basta! Vers l'Internationale Zapatiste - Tome 2*. Paris: Éditions Dagorno.

MARCOS, Subcomandante (1996), *Chiapas: el Sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía*. Montréal: Éditions Mille et Une Nuits.

MARCOS, Subcomandante (1996), *Shadows of Tender Fury*. Montréal: Éditions Mille et Une Nuits.

MARCOS, Subcomandante (1998), *Cuentos para una soledad desvelada*. México, D.F.: Publicaciones Espejo.

MARCOS, Subcomandante (1998), *Relatos de El Viejo Antonio*. México, D.F.: Centro de Información y Análisis de Chiapas.

MARCOS, Subcomandante (1999), *La Historia de los Colores*. Guadalajara: Colectivo Callejero.

MARCOS, Subcomandante (1999), *Desde las Montañas del Sureste Mexicano*. Barcelona: Plaza y Janés Editores.

MARCOS, Subcomandante (1999), *La Revuelta de la Memoria: Textos del Subcomandante Marcos y del EZLN sobre la historia*. San Cristóbal de las Casas: Centro de Información y Análisis de Chiapas.

MARCOS, Subcomandante (1999), *Siete piezas sueltas del rompecabezas mundial*. Barcelona: LA LLEVIR-VIRUS

MARCOS, Subcomandante (2000), *Detras de Nosotros Estamos Ustedes*. Barcelona: Plaza y Janés Editores.

- MARCOS, Subcomandante (2001), *El Correo de la Selva*. Buenos Aires: Retorica Ediciones.
- MARCOS, Subcomandante (2001), *Contes Maya*. Paris: Éditions L'Esprit Frappeur.
- MARCOS, Subcomandante (2002), *Questions and Swords: Folktales of the Zapatista revolution*. El Paso: Cinco Puntos Press.
- MARCOS, Subcomandante (2002), *Our world is our weapon*. New York: Seven Story Press.
- MARCOS, Subcomandante; CHOMSKY, Noam; PETRAS, James (2002), *Afganistan*. Buenos Aires: Editorial 21 – 2001
- MARCOS, Subcomandante; ZEVALA, Lauro; MONSIVAIS, Carlos (2002), *Relatos Mexicanos Posmodernos. Antología de Prosa Ultracorta, Híbrida y Ludica*. Madrid: Santillana Ediciones Generales.
- MARCOS, Subcomandante (2002), *Nuestra Arma es Nuestra Palabra*. Toronto: Siete Cuentos Editorial.
- MARCOS, Subcomandante; BORON, Atilio; STIGLITZ, Joseph E. (2002), *Mundo Global Guerra Global?* Buenos Aires: Ediciones Continente.
- MARCOS, Subcomandante (2004), *Don Durito de la Forêt Lacandone*. Lyon: Éditions de la Mauvaise Graine.
- MARCOS, Subcomandante; TAIBO, Paco Ignacio (2004), *Muertos Incómodos*. Miami: Planeta Publishing.
- MARCOS, Subcomandante (2006), *Conversations with Durito*. New York: Autonomedia.
- MARCOS, Subcomandante (2006), *The Other Campaign*. San Francisco: City Lights Books.
- MARCOS, Subcomandante (2008), *Los Otros Cuentos. Relatos del Subcomandante Insurgente Marcos*. Buenos Aires: La Red Chiapas.
- MARCOS, Subcomandante (2008), *Nem o centro, nem a periferia. Sobre cores, calendários e geografias*. Tradução de Danilo Ornelas Ribeiro. Porto Alegre: Deriva.
- MARCOS, Subcomandante; CASTELLANOS, Laura (2009), *Punto e a capo. Storia, presente e*

futuro del movimiento zapatista. Valenzano: Edizioni Alegre.

MARCOS, Subcomandante (2012), *Los Otros Cuentos. Relatos del Subcomandante Insurgente Marcos. Volumen 2*. Buenos Aires: La Red Chiapas.

II) Filmes Zapatistas

- ✓ “*A place called Chiapas*” (1998), dirigido por Nettie Wild. Zeitgeist Films. Acessado em 15/01/2014: <https://www.youtube.com/watch?v=dRltsbClfsE&list=PL1C2694555FC8B280>
- ✓ “Zapatista” (1999), dirigido por Benjamin Eichert, Rick Rowley, Staale Sandberg. Big Noise film.
- ✓ “*Caminantes*” (2001), dirigido por Fernando León de Aranoa. Pentagrama Films. Acessado em 15/01/2014: <https://www.youtube.com/watch?v=j-BcpRIOJXM>
- ✓ Vozes contra a Globalização - A noite larga dos 500 anos. Dirigido por Carlos Estévez. Tve Espanha.
- ✓ “*Corazon del tiempo una mirada al zapatismo*”. Dirección de Alberto Cortés. Bataclán Cinematográfica, Junta de Buen Gobierno Hacia la Esperanza, Foprocine/Incine, Universidad de Guadalajara, Dipa, Cinefución, Estudios Churubusco Azteca, Fimoteca de la UNAM, Imval Producciones. Acessado em 08/01/2014: <https://www.youtube.com/watch?v=Vfz6gNb81PU>
- ✓ “*Sueño de Suelo y tierra*” (no prelo). Acessado em 15/01/2014: <https://www.youtube.com/watch?v=E6E6ItHjnOw>

II) Músicas

- ✓ *Otra vela Para Sombra / La Maza* - Subcomandante Marcos e Silvio Rodríguez.
- ✓ *Carta a Magdalena – La familia, la propiedad privada y el amor* – Subcomandante Marcos e Silvio Rodríguez.
- ✓ *Supongamos Que / Ojalá* – Subcomandante Marcos e Silvio Rodríguez.

- ✓ *La Duermevela / Llover sobre mojado* - Subcomandante Marcos e Silvio Rodríguez.
- ✓ *Para Todos Todo* - Subcomandante Marcos e Manu Chao.

IV) Entrevistas gravadas

- ✓ “Carlos entrevista a Subcomandante Marcos. Acessado em 10/01/2014:
<https://www.youtube.com/watch?v=irLRvbI3qpc>
- ✓ “Subcomante Marcos interview (subtitled). Acessado em 10/01/2014:
<https://www.youtube.com/watch?v=PDLssf72C3Y&list=PLE8F91BA575051060>
- ✓ “Entrevista Julio Sherer al Sub Marcos”. **Acessado em 10/01/2014:**
<https://www.youtube.com/watch?v=WFCC1yw-7w4&list=PL97986FE0A88395F8>
- ✓ “Subcomandante Marcos Mexican Guerrilla”: Acessado em 10/01/2014:
https://www.youtube.com/watch?v=WYQAeTF_Sk8